YURI BITTAR

O ESTILO KADIWÉU

Uma análise da cultura indígena Kadiwéu aplicada ao projeto de produto.

Trabalho de Graduação Interdisciplinar apresentado á FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES da UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE para a obtenção do Título de BACHAREL em DESENHO INDUSTRIAL – HABILITAÇÃO EM PROJETO DE PRODUTO, sob a orientação da Sra.

Professora Mestre Regina Lara.

São Paulo

2000

"A arte Kadiwéu contém diversos conceitos que podem ser de grande valia para o design. "O Estilo Kadiwéu" (ou Caduveo/ Cadiuéu/ Cadiguebo/ Kadiuéo/ Kadiuéu/ Kaduveo/ Kaduveu) tem na arte um sistema de valores sociais completamente diferentes dos nossos, aspéctos geométricos altamente desenvolvidos e conceitos totalmente originais, como o que chamo de "diagonais simétricas invertidas", assim como seu trabalho com cores mas, acima de tudo, o valor intríseco de cada desenho. Mais que arte, seus desenhos são a expressão de seus valores."

Resumo do projeto

O Estilo Kadiwéu é um estudo teórico, uma análise da cultura indígena Kadiwéu, para a introdução de um conceito na metodologia do Design, que valorize a cultura brasileira, enriquecendo o design nacional frente a globalização e ao sistema cultural "pós-moderno". Este trabalho pretende mostrar novas possibilidades de uma exploração da cultura indígena Kadiwéu, com o objetivo de trazer outras fontes de inspiração e enriquecer o design nacional.

Seu desenvolvimento se dará em três etapas: A primeira parte explicará quem são os índios Kadiwéu, qual sua importância histórica, quais as características de sua cultura e porque a estamos utilizando aplicada ao design.

A segunda parte discute a posição do designer brasileiro no Brasil e no mundo atual, e as necessidades dos produtos brasileiros enfrentarem a concorrência de produtos nacionais ou internacionais, e se inserir no sistema cultural "pós-moderno". A terceira parte faz uma análise da arte Kadiwéu, procurando suas principais características formais e buscando um caminho para desenvolvê-las e explorá-las no design. As possibilidades geradas pela análise levarão a criação de novos produtos como exemplos da utilização da arte Kadiwéu no desenvolvimento de conceitos de produtos.

O principal produto desenvolvido será o estojo multimídia Willie, que além de trabalhar com as três maneiras de desenvolvimento de produto á partir da arte Kadiwéu, criadas neste trabalho, tem como conteúdo um livro, que é este mesmo trabalho de T.G.I., além de um CD de áudio e um CD-Rom, mostrando a arte Kadiwéu e suas possibilidades.

Abstract

The Kadiwéu Style is a teoric study, an analyse of the Kadiwéu's indian culture, for the indroduction of a concept on the Design methodology to valorize the brazilian culture, improving the national design forward the Globalization and the postmodern cultural system.

This work intends to show new possibilities of an exploration of the Kadiwéu's indian culture with the objective of bringing new sources of inspiration and improve the national design. It will be developed in three topics: the first one will explain who are the Kadiwéu indians, their historical importance, the characteristics of their culture and why we are making use of their art applied to design.

The second part discuss the brazilian design's position in Brasil and in the world, the importance of the brazilian products to face the national and international competition and be inserted in the "postmodern" cultural system.

The third part is an analyse of the Kadiwéu's art, showing its major formal characteristics, loocking for a way to develop and explore them in the design. The possibilities produced by this analyse will bring on the creation of new products to exemplify the utilization of the Kadiwéu's art in the development of product's concepts.

The principal product to be developed will be the multi midea case Willie that besides woking with the three types of products' development from the Kadiwéu's art created in this work, has as a content, a book, which is this own TGI work, besides an audio CD and a CD room showing the Kadiwéu's art and its possibilities.

Introdução

No primeiro instante é preciso colocar que este trabalho não pretende se mostrar como um novo caminho a ser seguido por todo o design nacional, mas, muito longe disso, apenas aponta uma nova possibilidade, um diferente caminho a ser explorado e talvez seguido, jamais deixando de lado os preceitos básicos de desenvolvimento de produtos já existentes, pois não se trata de uma proposta de uma nova metodologia de projeto.

Este trabalho tem como objetivo mostrar uma nova forma de se iniciar um projeto, uma maneira de buscar fontes de inspiração que, além de satisfazer as necessidades técnicas do bom design, também busque valorizar a cultura brasileira, como maneira de valorizar nossos produtos e buscar as qualidades culturais e sociais e colocá-las dentro do design.

Mas o porquê deste tema? O tema nasceu da vontade deste aluno em explorar a cultura indígena brasileira, e buscar nela aspectos a serem explorados dentro do design. A idéia surgiu já no segundo semestre deste curso, inspirada na leitura do livro Os Vikings no Brasil, de Jaques de Mahieu, livro que, apesar de parecer um pouco fantasioso para muitos, mostra como ainda é passível de muitos estudos a arte nativa brasileira.

Visite o trabalho completo em meu site:

Parte I - Os Kadiwéu - Quem são e porque estão aqui

Parte II - Design brasileiro - Pensando os problemas do design

Parte III - Desenvolvimento dos produtos: uma proposta de metodologia

Parte I - Os Kadiwéu - Quem são e porque estão aqui

Quem são os índios Kadiwéu?

Os Kadiweú são os ultimos remanescentes no Brasil do grupo lingüistico Guaikurú, e também a ultima tribo dos famosos Mbayá-Guaikurú, que se tornaram muito conhecidos como os índios cavaleiros, pois foram os primeiros nativos a dominar a montaria e resistiram bravamente á invasão do europeu. O primeiro grupo Guaikurú registrado foram os Xaraye, em 1540. Os Kadiwéu hoje são donos de suas terras, conquistaram a posse no século passado, após lutarem ao lado dos brasileiros na guerra do Paraguai, mas ainda lutam contra a invasão de fazendeiros, e em 1986, seqüestraram um funcionário da FUNAI para reivindicar seus direitos de posse. São índios dotados de uma cultura muito diferente da dos outros grupos que habitaram o território brasileiro ou mesmo sul americano.(Ribeiro,pg.07)



Fig.1 Carga de cavalaria Guaikurú, desenho de J.B. Debret 1834 extraído do livro de Darcy Ribeiro

Se tornaram também muito conhecidos pela sua arte, em especial a pintura corporal, de riqueza e complexidade admiráveis, que hoje em dia é aplicada também em superfícies planas, como couros e cerâmicas, para decoração.

Tamanha é sua importância que foram objetos de estudos de Darcy Ribeiro, um dos maiores antropólogos brasileiros, de Claude Levi-Strauss e Guido Boggiani, dois outros importantes antropólogos internacionais entre outros. Foram desenhados por Debret e sua cerâmica foi utilizada recentemente na Alemanha. Mas ainda são, infelizmente, pouco conhecidos entre a população brasileira.

Seus remanescentes vivem hoje na região ao sul do pantanal mato-grossense. A principal cidade da região é Nalique. Os Kadiwéu vivem em duas tribos e espalhados por fazendas e estão, segundo aponta Darcy Ribeiro em sua pesquisa, "em processo de perda de sua cultura".(Ribeiro, pg.17)

Ainda mantém boa parte de sua cultura, principalmente a arte, pois essa pode ser usada, e de fato vem sendo cada vez mais, para seu sustento, sendo vendida a turistas e visitantes. Infelizmente eles já não dominam o significado de grande parte de sua arte, menos ainda da origem e evolução desta, eles apenas reproduzem os modelos.



Fig.2 Mulher Xaraye, gravura de Ulrich Schimidel, 1540 Extraído do livro de Darcy Ribeiro Quais as principais caracteristicas da cultura Kadiwéu?



Fig.3 Mulher Kadiwéu pintando um couro. Extraído do livro de Darcy Ribeiro

Os Mbayá-Guaikurú, grupo ao qual pertencia a tribo dos Kadiwéu adquiriram caracteristicas muito peculiares e próprias por terem uma estrutura social muito diferente da maioria dos indios sul-americanos. Os Mbayá desenvolveram, baseados em sua mitologia e religião, uma sociedade de castas, aonde existiam os nobres, os plebeus e os escravos.

Acreditavam serem os preferidos de Deus, e predestinados a dominar os outros povos, pois não tendo domínio da agricultura ou da caça, teriam o direito de pilhar e escravizar. Sua principal fonte de subsistência então foi, tradicionalmente subjugar outros povos, absorvendo inclusive sua cultura e sua população, quer dizer, eram um povo guerreiro e a guerra base da sua sociedade. Desse modo sempre foram muito altivos, nunca admitiram serem dominados, nem mesmo pelo europeu, pois qualquer povo seria inferior a eles. Pintavam o corpo para mostrar sua superioridade, quer seja em relação a outros povos ou dos nobres em relação aos plebeus, já que os nobres usavam a pintura corporal com mais delicadeza e os plebeus com um exagero que tornava suas pinturas bastante desagradáveis. (Santos. Ritos do Índio Brasileiro Xinguano e Kadiwéu. pg. 88)

Os Kadiwéu não tinham os mesmos valores que nós a respeito de família, de amor ou moral. Não tinham, por exemplo, apego ás crianças. Portanto seu modo de ver o mundo é completamente diferente do nosso. A pintura é até hoje uma atividade reservada apenas as mulheres, que, alias, tinham um papel tão ou até mais importante que o homem na sociedade, sendo muitas vezes a chefe da família e até mesmo a pessoa mais importante de uma tribo. A mulher nobre normalmente tinha amantes. Já ao homem cabia apenas a guerra, sendo essa também uma enorme fonte de prestígio, assim como a pintura para as mulheres. (Ribeiro, pg. 263) O melhor exemplo disso é Anoã, a maior artista entre os Kadiwéu na época da pesquisa de Darcy Ribeiro, éra também a mais influente pessoa na tribo, já bem velha éra casada com um moço de 25 anos, muito disputado entre as jovens. Foi Anoã que executou a maior parte das figuras utilizadas por Darcy Ribeiro e nesse trabalho também. (Ribeiro, pg. 269)

Apesar de ser uma sociedade de castas havia a possibilidade de um escravo tornar-se um, cidadão pois os Kadwéu absorviam, não só a cultura, mas muitas vezes também os próprios povos escravizados, em sua sociedade, principalmente os filhos dos escravos. Então ao mesmo tempo em que subjugavam uma outra tribo também eram influenciados por ela, tanto geneticamente quanto culturalmente.



Fig.04 Anoã, foto extraída do livro de Darcy Ribeiro

Por ter uma sociedade quase aristocrática, por ter nobres que faziam questão de ostentar poder e riqueza, os Kadiwéu acabaram desenvolvendo um sistema de pintura corporal tão rico que foi comparado por alguns estudiosos aos brasões de famílias européias. Levi - Strauss chega mesmo a especular se eles não estavam se aproximando de criar um sistema de escrita, possibilidade que infelizmente se perdeu com o enfraquecimento de sua cultura após a chegada do europeu. Especula-se até mesmo a importância erótica destas pinturas. (Levi – Strauss, p.197) Yolanda Lhullier dos Santos, em seu livro Textos-Rito do Índio Brasileiro, faz um estudo destas pinturas como um texto não verbal, chegando a resultados bem complexos, como veremos no item 6.

Levi - Strauss também especula sobre a provável antigüidade destas pinturas, traçando paralelos entre elas e a arte marajoara, Santarém, chavin (Peru), e outras culturas da América do Norte. (Levi – Strauss, pg. 198)

Criou-se então um sistema em que as figuras são carregadas de significância e valores. Não são complexas apenas as figuras contidas dentro dos desenhos, são complexos também os resultados atingidos por suas combinações, talvez mais complexas que as européias do período renascentista. (Levi – Strauss, pg. 198) Criou-se grafísmos exclusivos, Levi - Strauss coletou cerca de 400 diferentes motivos e afirmou serem todos originais e diferentes uns dos outros. (Levi – Strauss, pg. 195)

Os Kadiwéu tinham uma profunda preocupação com seus adornos, e sua arte, que os diferenciava e colocavam então em sua arte e seus utensílios muito valor através da pintura.

O Estilo Kadiwéu

Faremos aqui uma breve síntese do que poderíamos chamar de estilo Kadiwéu, ou seja, os traços mais comuns e marcantes dos seus desenhos:

• O estilo Kadiwéu é marcado pelo dualismo, linha reta e curvas, retângulos e círculos, degraus e espirais, geométrico e orgânico, simétrico e assimétrico, positivo e negativo (Levi - Strauss pg. 200).

- Mas há sempre a busca pelo equilíbrio, pelo contrapeso, pela simetria, ainda que diagonal ou incompleta. Eles utilizam praticamente todas as formas geométricas conhecidas por nós
- As cores usadas tradicionalmente são o preto azulado do jenipapo, o vermelho do urucu e o branco extraído da palmeira bocaiúva (Ribeiro pg. 278/279)
- Levi-Strauss também destaca, como ponto de partida para sua análise, uma grande semelhança com os brasões de família e principalmente com as figuras de baralhos. Semelhança primeiramente visual, mas também sugerida pela presença da sociedade de castas (Levi Strauss, pg. 202).
- As cartas de baralho se assemelham ao estilo Kadiwéu pela aparência, pelo trabalho complexo dos eixos de simetria, e também por ter seu desenho determinado pela sua função.
- Podemos dizer então que o estilo Kadiwéu consiste em conciliar o contraste á simetria, buscando o equilíbrio.
- As pinturas corporais mostram a passagem do 'animal' para o civilizado, para a cultura, e ainda tem a função de definir a que casta o indivíduo pertence. A pintura demonstra status (Levi Strauss ,pg. 202).
- A complexa arte gráfica dos Mbaia, ou dos Kadiwéu, é um reflexo de sua complexa estrutura social, seus ricos sonhos e grandes angustias. Portanto é muito difícil de ser interpretada sem entender sua sociedade e seus valores. Ou melhor, entendendo sua arte é muito mais fácil entender sua sociedade, pois sua arte reflete sua estrutura social, ou é até mesmo uma descrição dela. Para entendê-los plenamente seria preciso um profundo estudo antropológico, mas na área do design podemos explorar sua arte e retirar dela conceitos úteis.



Fig.5 Jovem Kadiwéu, desenho de Guido Boggiani, 1892, extraído do livro de Darcy Ribeiro

3. Por que utilizar sua cultura aplicada ao design?

Utilizaremos a arte Kadiwéu aplicada ao design brasileiro como contribuição para que ele se inserir mais concretamente no mercado globalizado e a cultura pós moderna, aonde o maior valor está no conhecimento,

na cultura e na qualidade, não só técnica mas também conceitual. Extrairemos então valores artísticos e estéticos da arte Kadiwéu, bem como valores culturais e conceituais. Por isso a cultura Kadiwéu foi escolhida, pois se trata de uma cultura extremamente rica e ainda pouco conhecida e explorada apenas superficialmente, que mostra um enorme potencial de possibilidades para o design.

O que podemos ter de resultado para o design no estudo deste povo é algo que vai na direção de buscar um maior valor para os nosso produtos, buscar um desenvolvimento de projeto mais profundo que levará em conta um maior numero de fatores e valores. Tendo sempre em vista o uso e o valor do objeto, ou seja, buscar introduzir mais valor intrínseco aos objetos industrializados.

Iremos também explorar seus grafismos e motivos, seu visual e suas cores, que nos levarão a muitas possibilidades de ornamentação, acabamento ou mesmo novas formas, que não serão apenas adaptações das figuras Kadiwéu, mas partirão delas.

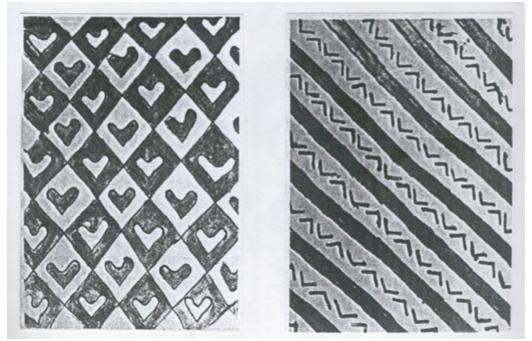
4. Análise da arte Kadiwéu

Na sua origem os motivos ornamentais Kadiwéu tinham nomenclaturas de acordo com seu tipo ou classe, que, segundo Darcy Ribeiro, explicariam sua origem, significado e função, mas infelizmente esse conhecimento se perdeu antes de ser estudado e hoje, mesmo os Kadiwéu, já não conhecem bem o significado e a origem da sua arte, arte esta que originalmente definia a sua posição social e eram verdadeiras propriedades de família, que não podiam ser usadas por uma pessoa que não pertencesse á família proprietária do motivo ou estilo.

Já que os verdadeiros significados da arte Kadiwéu estão perdidos, ou encobertos por uma névoa na memória de sua sociedade, e portanto não podem ser estudados ou levados em consideração o nosso propósito nesse capítulo será o de estudá-las no contexto de nossa cultura, já que é para ela que usaremos o resultado desse trabalho, analisando como eles trabalham suas composições, como vêem o espaço visual e as formas, e posteriormente, como podemos utilizar seus conceitos e seu modo de resolver os problemas da composição.

Os desenhos, todos selecionados do livro Kadiwéu, de Darcy Ribeiro, estão aqui dispostos e agrupados segundo caracteristicas em comum e numa ordem de crescimento de complexidade, ou podemos dizer em níveis, apesar de muitos outros agrupamentos serem possiveis. Estas figuras se apresentam em preto em branco pois assim estavam no livro de Darcy Ribeiro, mas este descreve as cores usadas por eles, seriam um preto azulado do jenipapo, o vermelho do urucu e o branco extraído da palmeira bocaiúva (Ribeiro - Kadiwéu p. 278/279). E estas figuras eram aplicadas sobre o corpo ou sobre couros de animais, e assim eram usadas como obras ornamentais.

1º Nível

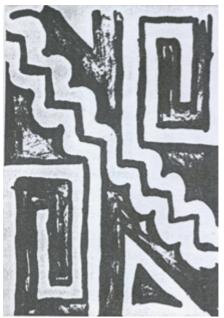


- Formas básicas e simples, com uma noção simples de equilíbrio e regularidade/ continuidade.
- Composição simples e aberta, ou seja, infinita.
- Notar o símbolo que se assemelha a um coração na fig. 01, que para eles não deve ter um significado especial, mas coincidentemente é um símbolo com forte significado para nós.
- A fig. 02 mostra uma simples repetição do mesmo motivo, como na fig. 01, mas alternado, mostrando uma primeira forma de articulação da composição.
- Estas espécies de motivos são do tipo mais simples encontrado.
- Posteriormente serão introduzidas curvas e outros elementos que darão maior riqueza a composição.

2º Nível



- Aqui vemos as formas circulares que saíram das composições infinitas e começam a se fechar se tornando uma unidade, a fig. 05 se mostra ainda perdida, mas ao se acrescentar a noção dos quadrantes, como na fig. 04, se encontra o equilíbrio.
- As composições começam a se tornar simétricas e ganham unidade.
- Surge o contraste entre o cheio e o vazio e a composição entre reto e curvo.
- Ao enquadrar as linhas curvas dentro de espaços retilíneos, os Kadiwéu começam a definir seu estilo.





- As figuras passam a ter composição mais elaborada, deixando de ter uma única direção, com um equilíbrio dinâmico e a introdução da simetria.
- Ainda são relativamente simples, mas tem uma composição elaborada, e não apenas a repetição do mesmo motivo.
- Ainda podem estar um pouco desordenadas, perdidas, por faltar um pouco de equilíbrio, como na fig. 09
- As composições se fecham, tendo então mais unidade.
- As linhas de divisão dos quatro quadrantes passam a ser utilizadas, mais ainda podem estar ocultas, ou seja, serem apenas imaginárias como nas fig. 09 e 10. Estas linhas de construção se tornarão importantes para o equilíbrio e desenvolvimento da arte Kadiwéu, como veremos mais adiante.
- As linhas retas trazem uma composição mais complexa e bem resolvida e com a simetria dinâmica em diagonal, como as fig. 07 e 08, que são o nível mais comum da arte Kadiwéu, ou seja, o estilo Kadiwéu. Neste ponto temos uma aproximação com o estilo Art Déco, pela simplicidade, força e concretismo das formas, equilíbrio e contraste e também pela inspiração asteca do Art Déco.
- Outra característica marcante destes desenhos é o contraste entre dois planos bem definidos, negativo e positivo.

4º Nível



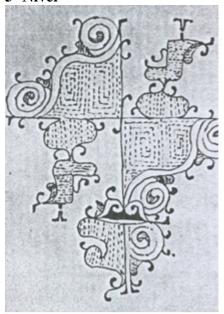


- Observamos aqui a importância das linhas de construção que dividem o espaço do desenho em quatro partes, ou quadrantes, que dão equilíbrio á composição, mesmo quando invisíveis.
- Temos aqui um estilo variante, de figuras fortes, com predominância de linhas curvas, com objetivos bem definidos e resultados claros, desenhadas praticamente só com linhas, sem massas, mas linhas grossas, que

tornam a figura maciça.

• São composições mais elaboradas, com simetria complexa. A fig. 11 tem uma perfeita simetria vertical, mas a simetria horizontal é invertida, ou seja, o que está para cima na direita está para baixo na esquerda. Já a fig. 12 tem uma simetria vertical simples, enquanto a fig. 13 e a 14 tem uma simetria diagonal invertida.

5º Nível





- Estas são figuras de grande complexidade e quantidade de linhas, mas um pouco confusas, perdidas, sem noção de simetria e equilíbrio em algumas partes. Estas figuras parecem ter um objetivo diferente das anteriores.
- Percebe-se que o objetivo e a composição mais ordenados são essenciais para tornar agradáveis para nós esses desenhos.
- Temos aqui desenhos mais livres, que nos remetem á costura, estes desenhos tem a preocupação com equilíbrio e simetria em alguns trechos (como na maior parte das fig. 15 e 17), mas não em toda a composição (as fig. 16 e 18 quase não tem simetria ou equlíbrio).

6º Nível



• Aqui vemos composições bem resolvidas, com simetrias perfeitas e



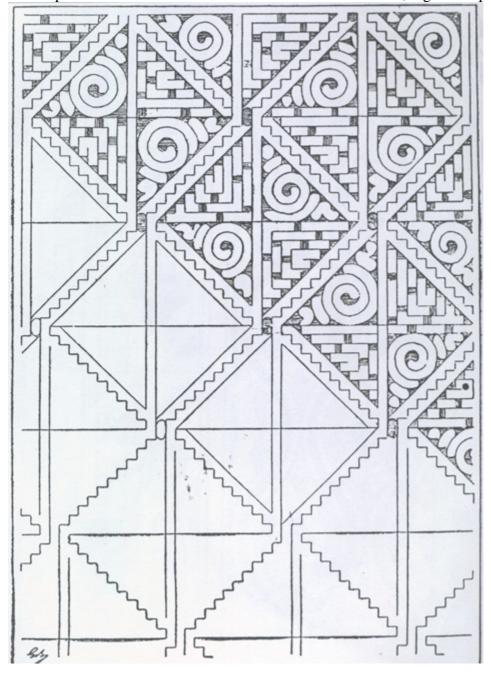


objetivos claros, são desenhos que expressam o gosto e o requinte Kadiwéu.

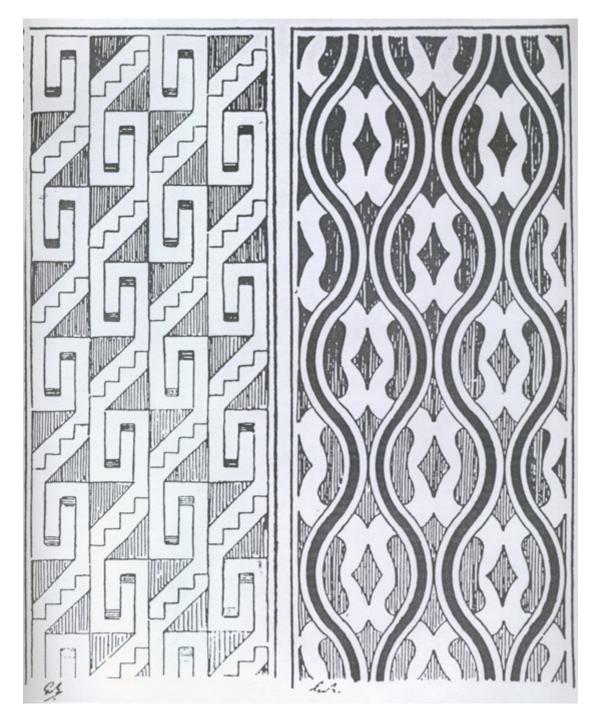
- A fig. 19, além de ter uma perfeita simetria diagonal inversa, é perfeitamente equilibrada, tem uma perfeita unidade, com linhas delicadas e muito bem resolvidas. O mesmo acontece com a fig. 21, apenas não sendo totalmente fechada, nota-se também a inclinação da fig. 21, da direita para a esquerda, o que nos incomoda um pouco, pois temos a preferência de traçarmos da esquerda para a direita, provavelmente por causa de nossa escrita, que nos condiciona (Dondis- Sintaxe da Linguagem Visual).
- A fig. 20 é bastante complexa e nos parece a principio um pouco perdida pois tem um objetivo mais elaborado e difícil de concretizar , é uma figura que sugere continuidade, como se as linhas não acabassem, e sugere movimento, através das espirais que terminam dando a volta e refazendo o mesmo caminho, ou seja, toda a figura está em movimento continuo, mostrando o domínio que tinham os Kadiwéu sobre o desenho (ver fig. 26). Notar o como a espiral termina num símbolo semelhante ao Yin Yang.
- Todas estas figuras mostram uma sofisticação e riqueza de detalhes extremamente bem resolvidas.
- Este é ,para esta pesquisa, o ultimo nível da arte Kadiwéu, é o ponto máximo que eles chegaram na sofisticação de seu estilo.

Outros Exemplos

• Exemplo de desdobramento de motivo ornamental Kadiwéu, registrado por Guido Boggiani em 1892.

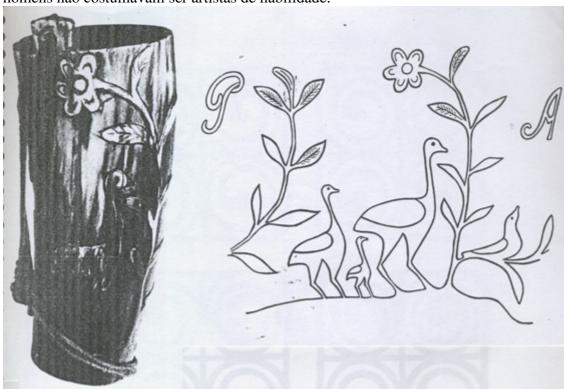


Segundo Yolanda Lhullier (14), esta composição seria um índice.

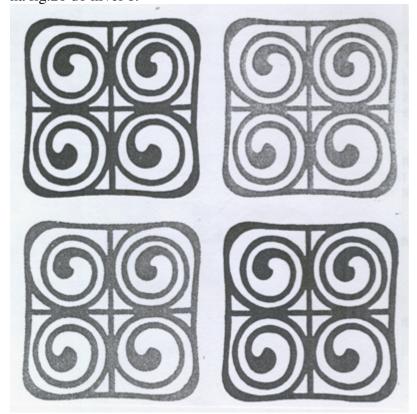


- Outros padrões desdobrados por Guido Boggiani em 1892, na fig. 23 repare na semelhança com a fig. 07.
- Figura 25, exemplo de trabalho artesanal Kadwéu desenvolvido por homens e ao lado o desdobramento do desenho nele entalhado. Os homens se prendiam ao naturalismo e as mulheres ao abstracionismo. Mas os

homens não costumavam ser artistas de habilidade.



• Figura 26, Desenho Cinético Kadiwéu, exemplo de como eles dominavam os efeitos das figuras para a visão, como o efeito de movimento provocado pelas espirais. Podemos observar o uso desses conhecimentos na fig.20 do nível 6.



5. Conclusão da análise

Podemos notar que a arte kadwéu parte do simples, do funcional, para o complexo e ornamental e nessa passagem encontra sua essência, a busca da beleza através do equilíbrio.

Mas porque a busca pela beleza? Porque é essa arte que os torna quem eles são, e assim eles podem expressar seus valores. Sua arte é seu maior motivo de orgulho. Seu maior objetivo então é a valorização, seja da arte, seja do objeto onde esta é aplicada ou seja de sua cultura.

Então a maior lição que podemos extrair da análise de sua arte é a de valorizar o produto, valorizar seu desenvolvimento colocando nele um maior valor cultural, com o objetivo claro de valorizar a cultura, seja ela local, nacional ou internacional. Desenvolver um produto tendo um valor cultural conduzindo todo o andamento do seu projeto, para termos como resultado um produto que é totalmente condizente com esse valor, tornar o produto menos descartável e com maior valor diante de produtos comuns.

Um produto que é carregado com esses valores, que tem a arte como parte da sua construção é um produto de valor para concorrer com o design internacional, é o que podemos oferecer a mais. Um produto que contém arte e cultura, esse é o objetivo desse trabalho.

Quanto ao desenho, podemos extrair um estilo, que pode ser aplicado ao design de produtos, definiríamos esse estilo em alguns aspéctos:

- A Predominância da linha diagonal.
- ♣ Simetria e equilíbrio diagonais.
- A Contraste, quer seja de formas, cores, linhas, planos ou movimento contra estabilidade.

6.Textos objetos

No livro Textos-Rito do Índio Brasileiro (14), Yolanda Lhullier faz uma análise da arte Kadiwéu como texto não verbal ou texto objeto. Segundo ela podemos decodificar uma mensagem através de cada pintura. Através de cada símbolo identificado dentro de uma figura da arte Kadiwéu temos um significado, unindo os vários símbolos temos uma frase ou mesmo um texto.

Veremos abaixo a transcrição de uma das análises da autora. A figura analisada foi desenhada por Guido Boggiani em 1892:



Fig. 27 A cunhada de Joãozinho, figura extraída do livro de Yolanda Lhulier dos Santos "Leitura de um Texto-Objeto
a Pintura Corporal e Facial

Pintura facial de mulher caduvea – (a cunhada de Joãozinho). Segundo desenho de Guido Boggiani. Concentração do trabalho: queixo e maxilar direito aproximando-se das maçãs do rosto.

Direção: Sudeste com prolongamento em direção norte

Em evidência: Utilizando o rosto em diagramação semelhante a dos pontos cardeais, destaca-se a disposição do traçado gráfico na região oeste com uma leve tendência para o lado norte, localizando-se no olho esquerdo e suas adjacências com mais intensidade, Nota-se claramente a procura de uma situação de equilíbrio.

Levantamento dos símbolos utilizados: Labiríntica: seja de forma de scapula ou de convergência; linha ondulada, demarcação temporal, intervalo, pontos, demarcação posicional.

Carácter evidenciado: mês de julho.

Seguindo a ordem sequencial do aparecimento dos símbolos neste texto de editoração não-verbal e procedendo a leitura em direção sudeste-norte, obtivemos os seguintes dados:

- 1) Scapula: antiga forma de pavimentação de origem provavelmente mediterrânea, porém difere do mosaico que não possui qualquer qualidade editorial. Utilizado como ponto de apoio por determinados rituais, indica tanto pela sua informação de tão larga amplidão como pelo seu uso repetido que se trata de uma mensagem religiosa.
- 2) Labirinto de convergência: também é considerado um elemento altamente religioso e de origem remotíssima. Neste caso é indicativo do tipo de mensagem a ser transmitida e do ritual religioso a ser observado. A convergência para o ponto central está sempre ligado aos ritos de fertilidade.
- 3) Linha ondulada: um dos primeiros sinais utilizados no campo editorial. Neste caso, juntamente com outros símbolos, indica uma ação em andamento, com sentido repetitivo.

- 4) Faixa oblíqua: índice de demarcação temporal tanto a comum (como uma banda simples), como a múltipla, que são usadas para marcação do calendário sobre uma superfície visual. Encontrada em grande quantidade nos mais diversos quadrantes, sempre tem este específico sentido e, aqui, o encontramos mais evidenciado por tratar-se de uma mensagem na qual o tempo é bem preciso, não podendo sofrer atraso ou avanço.
- 5) Sentido de intervalo: seccionamento da ondulação contida na fixa oblíqua temporal. Trata-se de um dos símbolos mais difíceis de serem identificados, além da origem remota. Já Pitágoras o destacava como um elemento primordial dentro do vasto campo da Simbólica, sendo que não corresponde a unidade de tempo fixa, mas adquire seu valor interválico segundo as circunstâncias. Tornar-se daí difícil proceder a sua identificação, porém neste texto é facilitada a sua interpretação, pois sendo clara a mensagem contida na informação, aparece como um intervalo de um verão a outro.
- 6) O ponto: primeiro sinal gráfico a aparecer na História da Editoração. Encontra-se ligado aos antigos rituais de fertilidade e aqui mantém a sua simbologia em forma clara e originária.
- 7) Linha reta: neste texto em estudo aparece com o seu sentido primordial, sendo, como o é, um dos símbolos gráficos mais antigos, já que seu aparecimento no 2º momento da História da Editoração se faz notar. Possui o valor específico de Lei ou Determinação inelutável.
- 8) Demarcação posicional: não possuindo um significado próprio adquire valor simbólico segundo as circunstâncias em que se encontra. Neste caso indica claramente o lado posicional ou seja o noroeste onde a plantação deverá ser efetuada. Temos conhecimento que a pintura facial dos indígenas sul-americanos quase sempre é de ordem temporal, ligada aos vários sistemas de calendário, cujos pontos cardeais são representados pela fronte, queixo e ouvidos que indicam as direções: norte, sul, leste e oeste. De acordo com o significado que possuem podemos fazer a leitura da seguinte informação: Cada mês de julho procederemos, impreterivelmente ao plantio do lado noroeste de nosso povoado e as suas festas decorrentes.

O caráter evidenciado na análise além de possuir um simbolismo próprio, acrescenta à sua carga informativa um outro elemento: o da datação, de bastante importância, principalmente tratando-se do plantio que deve ser feito numa época bem determinada.

Neste texto possuímos a data com exatidão, pois encontra-se o sinal gráfico representativo da Lua e sua influência ``.

O Projeto Bairro Amarelo

Uma dupla de arquitetos brasileiros, Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz, ganhou um concurso para fazer a remodelagem de parte de um bairro da cidade de Hellersdorf, na Alemanha. Este foi um assunto da edição

Nº 80 de out./nov. de 1998 da revista Arquitetura e Construção.



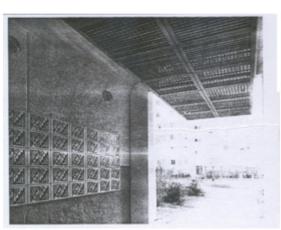


Alem de todo o trabalho arquitetónico, os arquitetos introduziram uma série de obras de arte ao conjunto habitacional.



Os grafismos Kadiwéu foram utilizados em cerâmicas de revestimento, utilizadas dentro dos prédios, dando um aspecto original e exótico. A cerâmica foi desenhada pelas próprias índias Kadiwéu e confeccionada em Colônia, na Alemanha

Observamos nesses trabalhos os grafismos Kadiwéu, já um pouco diferentes dos encontrados no inicio do século, e o uso das cores, que já não se limitam as originais usadas por esse povo, já são mais variadas e claras, mas ainda são muito próximas das antigas.





Vemos aqui a aplicação da cerâmica Kadiwéu dentro dos prédios. Figura extraída da revista Arquitetura e Construção de out./nov. 1998





Índias Kadiwéu com seus trabalhos, em Hellersdorf, Alemanha .Figura extraída da revista Arquitetura e Construção de out./nov. 1998

Parte II - Design brasileiro - Pensando os problemas do design

1.Qual a posição do designer brasileiro no mundo atual?

O designer brasileiro se vê diante de dois quadros, primeiro o interno, aonde ele ainda luta para ser reconhecido e disputa lugar com arquitetos, engenheiros e outros(Braga, pg. 45). E o segundo quadro é o internacional, aonde ele se vê excluído do mundo que está se globalizando e diante do desafio de evitar que o distanciamento entre os países pobres e ricos aumente ainda mais. (Romeiro, pg. 32).

O designer brasileiro se vê diante da necessidade de entrar no mercado internacional não só para ter uma área de abrangência maior para seu produto, mas também porque o mercado internacional já está dentro do mercado nacional (Moraes, pg. 93). Os produtos vendidos aqui são desenhados em países do primeiro mundo e fabricados aqui ou em qualquer outro lugar (Moraes, pg. 89).

É claro que o designer depende também da visão do empresário, que precisa ter a iniciativa de não copiar produtos estrangeiros e sim investir em produtos próprios, investir em design, não apenas em maquinário ou matéria prima, investir também em mão de obra. Tanto o empresário quanto o consumidor nacional estão acostumados a ver o mercado interno como pouco competitivo e portanto com pouca oferta, então não consideram viável investir em design, é mais fácil copiar (Moraes, pg. 93/94).

Mas se o design necessita de alto investimento, este retorna facilmente quando a empresa adquire credibilidade (Moraes, pg. 94).

Temos ainda poucos exemplos de sucesso de designers brasileiros a um nível internacional, um desses exemplos são os irmãos Campana, que conquistaram renome internacional desenvolvendo seu design de uma maneira que se confunde com arte, se destacando pela estranheza de suas peças, é um design conceitual. "Somos produtores de idéias, e não de mercadorias. Queremos propor idéias, causar reações", definiu Humberto campana para a revista Bravo de Abril de 2000.

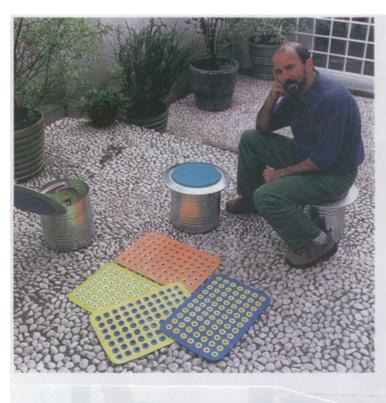
Uma tentativa de mostrar o design brasileiro no exterior é a mostra "Brasil faz Design", que acontece a cada dois anos em Milão, e mostra um bom panorama do que se faz de melhor em todo o Brasil. O evento divulga o design brasileiro no Brasil e no exterior, depois da edição de 1996, oito designers brasileiros tiveram trabalhos incluídos no *International Design Yearbook 97*, editado por Philippe Starck, segundo texto da revista Arte e Decoração de abril de 98.

Veremos alguns exemplos de produtos que foram para a edição de 1998, retiradas da edição de abril de 98 da revista Arte e Decoração:



ESTANTE LABIRINTO E CADEIRA CONE DE FERNANDO

Um advogado e um arquiteto, os paulistas Humberto, 45 anos, e Fernando, 37, tornaram-se em 1984 os Irmãos Campana. Depois de sacudir o design brasileiro, a dupla participou de exposições como a Feira Abitare Tempo de 94, em Verona, Itália, e Design Mit Zukunfit de 97, em Bremen, Alemanha. No mesr ano a dupla foi premiada na Abimóvel [Associação Brasileira de Indústria de Móveis) com sua mesa inflável. Os Irmãos Campana apostam em materiais inusitados (como policarbonato, papelão, vidro e cordas de algodão) e na pesquisa de novas funções. "Queremos criar novos comportamentos pelas formas, encontrar um jeito origi de olhar o objeto e de usá-lo, trazendo novos valores", diz Humberto. A cadeira Cone [1.700 reais], feita de policarbonato cristal e aço inox, e a estante-aparador Labirinto, feita de chapa de alumínio naval [3.600 reais], estão na mostra Brasil Faz Design.



E TAPETE MAROLINHA DE VALTER BAHCIVANJI Formado em Desenho Industrial em 1983 pela FAAP [Fundação Armando Álvares Penteadol. este designer paulista de 40 anos já recebeu menção honrosa do Museu da Casa Brasileira em 88 pelo porta-durex Slim-Tape Em 96, o designer foi o segundo colocado no Prêmio Museu da Casa Brasileira com o tapete Marolinha, "O design contemporâneo tem que propor alternativas ao uso desenfreado da madeira e desenvolver tecnologias de novos materiais' diz Bahcivanji, que usa materiais recicláveis como alumínio, metal, chapa de ferro e plástico. Além da preocupação ecológica, ele desenvolve um trabalho acessível ao grande público e que une estética e funcionalidade. O banco-container Prosinha [50 reais], feito de chapa de zinco e chapa metálica. e o tapete Marolinha [25 reais], de plástico EVA e PVC, estão no Brasil Faz Design 98.

BANCO PROSINHA



ESTANTE-RELÓGIO JERA DE MARCELO ROSEMBAUM

E RICARDO VARUZZA Em 1994 a dupla de designers paulistas abriu o escritório de design, arquitetura e projetos especiais Rosembaum & Varuzza Design. Desde então Marcelo e Ricardo desenvolvem um trabalho com formas puras e linha retas. Para isso, a dupla lança mão de materiais como madeira, alumínio, aço cromado e vidro e dá atenção especial aos acabamentos aparentes. Em 1997 Marcelo, 29, ganhou o prêmio Joaquim Tenreiro do Museu da Casa Brasileira com a linha Ornare de armários embutidos. No Brasil Faz Design, Rosembau e Varuzza participam com a estante-relógio Jera, feita de laminado e fórmica de jacarandá e alumínio polido (3.400 reais). "Uma peça toca os sentidos quando agrega o bem estar. a função e a estética" resume Ricardo, 36 anos

A curadora do MoMA (Museun of Modern Art) de Nova York, Paola Antonelli, em entrevista á Revista da Folha de 6 de setembro de 1998, comenta á respeito do design brasileiro; " O aspecto que considero mais interessante no design brasileiro é a manutenção de uma linguagem artesanal mesmo entre peças produzidas industrialmente ``. Paola esteve no Brasil nessa época e estava organizando uma exposição, que foi realizada em novembro do mesmo ano em Nova York, com o designer alemão Ingo Maurer e os irmãos Campana. Perguntada sobre qual o vinculo entre esses designers, ela respondeu: "Embora produzidos em contextos bem diferentes, penso que o trabalho deles tenta dar um sentido poético para objetos de uso cotidiano ``.Em 30 de março de 1998, foi inaugurada em São Paulo, na FIESP, uma exposição com um resumo das obras do acervo do MoMA, que foram doadas á FIESP pelo próprio MoMA.



Um outro designer brasileiro que tem se destacado, mais dentro do pais, é Carlos Mota, que tem ganho destaque, e muitos clientes, com móveis de madeira, que tem como destaque o conforto, a qualidade e o preço, com estilo ao mesmo tempo exclusivo e tradicional, que ,apesar de produzidas industrialmente, mantém o aspecto de artesanais. São móveis de preço elevado e com uma clientela bem seleta, de pessoas ricas e muitas vezes famosas, como Fernando Henrique Cardoso e outros. Mota tem tido destaque na mídia, com matérias como na revista Veja, em 9 de setembro de 1998, ou na revista Casa Claudia em setembro de 1996.



Sofá Laranjeira, 1993

Então esse é o caminho que estão encontrando os designers brasileiros para se firmar no mercado interno e externo. Buscando fazer um design que remeta ao artesanal e ao exclusivo.

É importante lembrar que grande parte desses designers, ou talvez a maior parte, são arquitetos, como Fernando Campana, dos irmãos Campana, e Carlos Mota. Isso nos mostra como o designer ainda tem um longo caminho pela frente, pois ainda precisa se firmar no mercado interno e conquistar seu lugar, pois muitas vezes não tem nem sua profissão reconhecida, e tem quer disputar mercado com profissionais de outras áreas.

2.O que precisa o designer brasileiro para se diferenciar e se inserir no mercado globalizado?

A opção que se vê diante do designer brasileiro é tentar se diferenciar, criar um estilo próprio e marcante, para ter seu lugar no mercado internacional, não como algo exótico ou alternativo, mas como algo original e carregado de valor cultural, de qualidade intrínseca, mas que não limite sua abrangência geográfica, que seu produto possa estar em praticamente qualquer parte do mundo. (Moraes, pg. 89). Já vimos anteriormente que os designers brasileiros tem buscado a qualidade e a originalidade como maneira de valorizar seu design, geralmente com um sentido semi artesanal. Atualmente não é mais importante o local de fabricação de um produto, já que os meios de comunicação e transporte tonam possível a integração de todo o mundo em um só mercado. (Moraes, pg. 91), que pede tecnologia e qualidade, sendo que a qualidade é a mais importante e deve ser entendida em todos os sentidos. E devemos ainda vencer o preconceito que há contra o design brasileiro, principalmente quanto á tecnologia e qualidade. (Moraes, pg. 92).É preciso perceber que não precisamos ainda concorrer com tecnologia. O designer brasileiro precisa trabalhar algo novo, precisa colocar em seus produtos mais valor agregado. A qualidade é a porta de entrada para o mercado global . (Moraes, pg. 93), e podemos entende-la também como qualidade de conteúdo, de cultura. Podemos investir em desenvolver nossa cultura e ganharmos mercado com ela.O que poderia ter de atraente no design brasileiro, mas que seja de real valor para colocar os nossos produtos em pé de igualdade com o que há de melhor em design internacional? Temos a nossa cultura, talvez a mais rica e variada do mundo, tão complexa e cheia de possibilidades ainda pouco exploradas, que nos dá as mais inesperadas alternativas.

Essa cultura deve ser explorada e resultar em novos valores para o design nacional, para que este seja reconhecido internacionalmente como um design de valor e referência, como o italiano ou o japonês.No sistema cultural pós moderno, aonde a riqueza material deixou de ser a única, a riqueza de uma empresa ou de uma nação está também em seu patrimônio de conhecimentos, em seus homens e, enfim, nas suas forças criadoras, claro que tudo isso ainda está muito ligado ao capital disponível. Por isso a cultura se encaixa tão bem como tema a ser explorado, pois trata-se de uma fonte infindável de sabedoria, de conhecimento e de inspiração para a criação. Segundo Dijon de Moraes (pg. 71), o domínio do poder entre as nações na éra pós industrial se dá principalmente pelos seguintes aspéctos:

- Domínio do saber:
- Domínio da informática e da telecomunicações;
- Controle da informação e da comunicação;
- Capacidade de antecipação;
- Capacidade criativa.

Por isso o tema escolhido para este trabalho são os índios Kadiwéu, tão originais e ainda pouco conhecidos. É nesse sentido que vem este trabalho, não como um caminho a ser seguido, mas sim uma sinalização de um passo que pode ser dado na direção proposta. Não podemos nunca dizer qual caminho deve ser seguido por todo o design nacional, mas podemos nos esforçar para irmos na direção em que acreditamos, nos propormos um objetivo, sempre utilizando bases concretas e estudos sérios.

3. Como utilizar a cultura Kadiwéu para contribuir para a diferenciação do design brasileiro?

O objetivo é utilizar a cultura Kadiwéu de três maneiras:

- 1. Utilizando sua arte como referência para padrões de desenho, de forma, e de acabamento, quer seja transformando suas linhas em produtos como veremos mais adiante nos castiçais Anoã e Anoã 2 e, ou aplicando sua arte diretamente, como decoração, como em parte do estojo Willie.
- 2. Utilizando seus valores culturais para enriquecer os produtos desde suas formas até sua metodologia de criação como veremos mais adiante na lixeira Xaraye e no relógio Hádi, que usa a cultura Kadiwéu apenas como ponto de partida conceitual.
- 3. E a terceira forma seria a união das duas anteriores, ou seja, um projeto que utilize a arte e cultura Kadiwéu, para desenvolver um conceito de produto e para desenhar este produto, chegando então a produtos realmente novos, como veremos mais adiante no produto Willie.

O objetivo destas três maneiras de explorar a cultura Kadiwéu tem como objetivo a criação de designs não apenas exclusivos, mas acima de tudo brasileiros, valorizando e explorando a cultura nacional, como forma de nos fortalecer, com essa carga cultural, para enfrentar a competição dos produtos globalizados, quer seja aqui dentro do Brasil ou em outros países.

Parte III - Desenvolvimento de Produto

(esta parte do projeto está resumida)

1. Desenvolvimento de produtos á partir da arte Kadiwéu.

Nesta parte do trabalho teremos o desenvolvimento de um produto, Willie, e outras quatro propostas de produtos criados partir da arte Kadiwéu, para concretizar as teorias tratadas anteriormente. Esse desenvolvimento de dará em três diferentes níveis:

- **1ª Forma. Adaptação -** A forma mais simples de criar um produto á partir da arte Kadiwéu, é utilizá-la como decoração, aplicando seus desenhos em produtos, ou criar produtos sobre seus desenhos, simplesmente transformando os desenhos bidimensionais em formas tridimensionais, como se fossem extrudados. É nesta forma que está o castiçal Anoã 2.
- **2ª Forma. Desenvolvimento** Seria criar um produto á partir não da arte Kadiwéu, mas sim de conceitos dela. Utilizando seu estilo apenas como referência estética, como o castiçal Anoã, ou mesmo chegando a produtos que pouco se assemelhem á arte Kadiwéu, como o relógio Hádi e a lixeira Xaraye.
- **3ª Forma.** Criação Criar um produto novo, não apenas um desenho novo para um produto já existente. A partir do conhecimento da arte e da cultura Kadiwéu, mesclando também as duas formas anteriores, ou seja, criar uma forma e um tratamento gráfico extraídos da arte Kadiwéu, mas com um novo formato de produto. O objetivo é criar um produto original na sua essência, não apenas na forma. Dentro deste conceito temos o estojo multimídia Willie, que além de concebido dentro da observação e da utilização da arte Kadiwéu, contém toda esta pesquisa.

Projeto Willie

1. Introdução

Foi proposta pelo professor a idéia de fazer um livro, que contivesse basicamente a minha pesquisa para T.G.I., ou seja, um livro sobre a arte Kadiwéu. Claro que sendo um trabalho de projeto de produto seria preciso realizar um livro que fosse mais que programação visual, fosse um produto a ser desenvolvido por um designer de produtos, e não visual. Posteriormente surgiu a idéia de incluir este livro dentro do T.G.I., utilizando ele como um exemplo de produto desenvolvido dentro dos conceitos da arte Kadiwéu desenvolvidos no trabalho.

2. Proposta do Projeto

Este projeto tem como proposta a criação de um produto para o nome *Willie*, que foi previamente escolhido. Justificaremos então a ligação entre este nome e os Kadiwéu.

O produto escolhido é um livro. O assunto do livro será a cultura Kadwéu, tema do T.G.I desenvolvido paralelamente. Este livro deverá integrar seu desenvolvimento ao seu conteúdo, ou seja, seu desenho, suas cores, formas e sua diagramação, enfim, todo o conjunto deverão estar de acordo com o assunto, mais do que isso, deverão antecipar o assunto, contar parte do assunto tratado, ou seja, trazer o assunto contido no texto do livro, mas sem palavras. O produto então será um retrato da arte Kadiwéu, mas com olhos para o futuro pois ele mostra novas possibilidades para essa arte. Willie será um "texto – objeto ".

Willie então terá um compromisso com a arte Kadiwéu, de traze-la e adaptá-la a um produto atual. Willie é ao mesmo tempo a arte Kadiwéu e suas possibilidades. Uma característica dos Kadiwéu é seu sentimento de superioridade, por isso tentam sempre se mostrar superiores aos outro povos, aplicando sua requintada arte, não só em si mesmos, mas também em seus utensílios, valorizando seus utensílios com a arte e sua cultura.

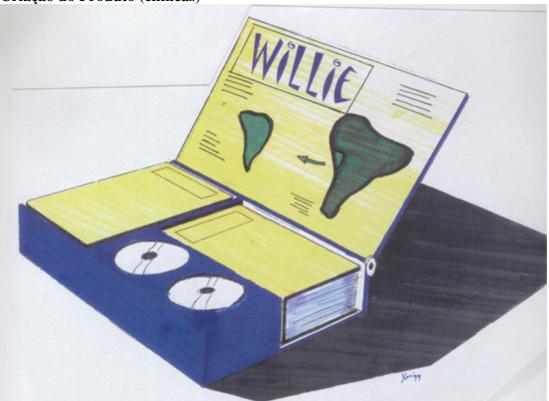
E esse é o sentido deste trabalho, buscar a introdução de mais valor cultural dentro do produto, e Willie é um projeto que busca exemplificar isso.

O publico alvo escolhido para este projeto é, dentro da pesquisa da Rhodia, do tipo *organizado*, da faixa etária de 22 a 30 anos, de nível social A e B. Esta escolha se deve ao fato do consumo de livros ser de difícil alcance, para as classes C, D e E, devido ao preço do produto.

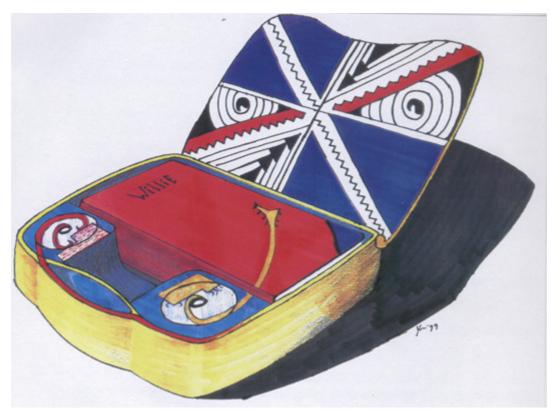
O publico alvo escolhido é do tipo organizado (pesquisa Rhodia), por ser o tipo de pessoa que valoriza o livro ou produtos que tragam informações e portanto sejam úteis, e que tenham uma configuração mais organizada, como um estojo. Seria um publico de nível social A e B, pois um livro é um produto caro e seus consumidores tem maior carga cultural. Seria um publico também um pouco jovem, entre 25 e 40 anos, para uma perfeita aceitação dos itens do estojo, principalmente do CD Rom, que necessita alguns conhecimentos de informática para ser usado e gosto por ela para ser desejado. O forte alvo então seria o publico pós universitário, de formação cultural mais concreta .

1ª etapa

- Análise Semântica do Nome
- Definição do produto
- Criação do Produto (clínicas)



• **Definição do produto** - O resultado final é um produto que contém um livro, mas que traz em si muitas informações que serão trabalhadas no texto.





Modelo Preliminar

Com a construção do modelo preliminar forma definidas as medidas do estojo, forma necessárias algumas alterações, como na disposição dos CDs, modificando o desenho do produto.

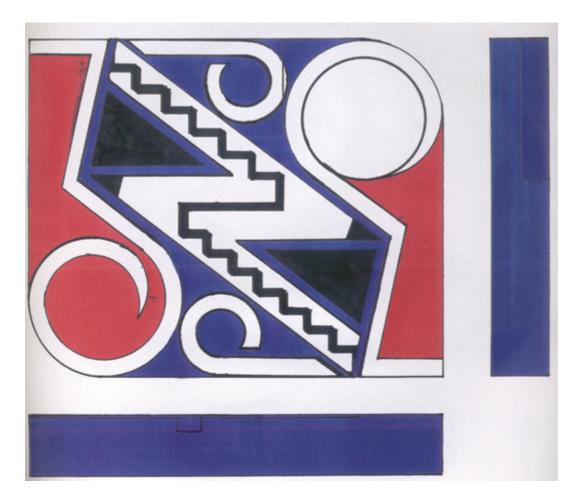




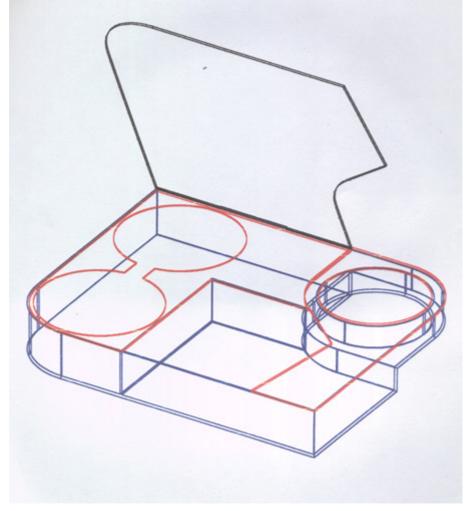
2ª etapa

- Publico da concorrência
- Painéis semânticos
- Produtos concorrentes
- Marcas concorrentes
- Pontos de venda
- Consumidores dos produtos concorrentes
- Divulgação na mídia
- Outros produtos consumidos
- Pesquisa de levantamento do perfil do consumidor.
- Rendering Final





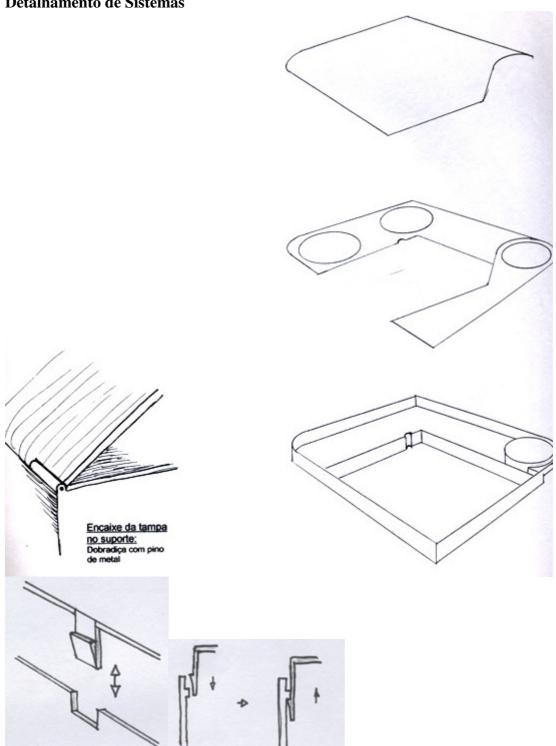
• Vista em Transparência



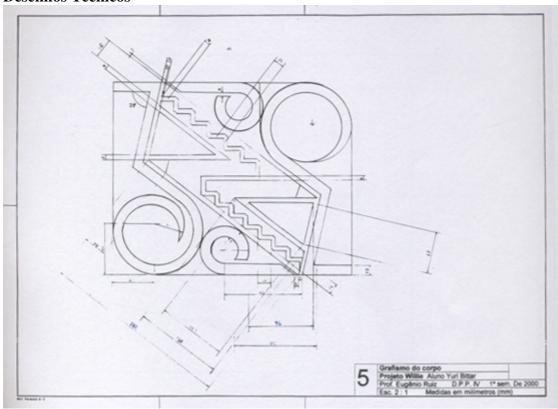
• Modelo Simulacro



• Detalhamento de Sistemas



• Desenhos Técnicos



Memorial Descritivo

Willie é a evolução do livro, é um livro em formato de estojo, um kit contendo um livro, que trará todas as informações sobre a arte dos índios Kadwéu¹, um CD de áudio, contendo as musicas destes índios, com alta definição e um CD Rom com recursos áudio – visuais para ser utilizado no computador. Esses acessórios servem para atualizar o conceito de livro, diante do crescente uso do computador, torná-lo um produto mais atraente para um novo consumidor, que cresceu jogando vídeo game, mas já é adulto e maduro para apreciar a busca de novos conhecimentos, e moderno, ligado nos avanços tecnológicos da nossa sociedade e ansioso por novos produtos, que tragam maior valor intrínseco e maior quantidade de informação, Willie pretende assim criar um novo conceito para o livro, carregado de mais informações e valores.

Willie nos mostra toda a arte dos Kadiwéu e apresenta todos seus aspéctos, não só no conteúdo dos CD's e do livro, mas mesmo em sua forma e grafismos e principalmente no seu conceito, que é, através da valorização, neste caso de um produto, criar a diferenciação, então seu possuidor será uma pessoa de nível cultural mais 'elevado'. Isso porque os Kadiwéu buscavam sempre através de sua arte dois aspéctos, primeiro a beleza, e depois uma forma de se mostrar superior aos animais, as outras tribos e mesmo aos Kadiwéu menos importantes, ou seja, a arte mostra o 'Status'.

Semanticamente podemos dizer que Willie é atraente por sua aparência, e também pelo seu conteúdo, pois é um produto que contém mais valor que seus concorrentes, pois traz uma quantidade e qualidade de informações que dificilmente encontraríamos em um simples livro. E desse modo quem comprá-lo será alguém de cultura, de poder aquisitivo e de gosto exigente. Willie é um produto para quem gosta de cultura, gosta de conhecer uma faceta pouco divulgada da cultura brasileira, e este produto não é apenas para brasileiros, pode e deve estar em prateleiras das livrarias em outros países.

Willie será injetado em plástico ABS, e suas partes unidas posteriormente, formando um estojo prático, bonito e durável, pois Willie deverá ter muita durabilidade, já que um livro costuma ser guardado por muito tempo. Terá também grafismos impressos em todo o corpo, se integrando á forma, lembrando que estes grafismos foram concebidos junto ao formado, dando um aspecto visual bastante forte e chamativo.

1. É regra em antropologia não flexionar o nome de uma tribo indígena, por isso dizemos os Kadiwéu, e não os Kadiwéus.

Imagens do produto final:





2 Coatical Amaz

3. Castiçal Anoã

Veremos aqui uma proposta de um produto, um castiçal, como exemplo de desenvolvimento de produto a partir da arte Kadiwéu. Este projeto é incompleto, pois trata –se apenas de um exemplo dentro da proposta desse trabalho, portanto temos apenas a parte de conceitualização e primeiros desenhos. Mas porque desenvolver um castiçal? Porque trata-se de um produto simples, e um tema muito explorado por designers e artistas, que tem muitas vezes um lugar de destaque na decoração. Também por ser um produto simples podemos aplicar conceitos nele de forma bem clara.

Anoã foi o nome de uma das mais notáveis e importantes artistas Kadiwéu na época em que Darcy Ribeiro os estudou. Este castiçal recebeu seu nome por ser uma demonstração da arte em que ela éra uma das

maiores representantes, é uma transposição da arte gráfica para a arte tridimensional, na forma de um produto que tem maior a função decorativa e expressiva e não prática. Digo expressiva pois trata —se de um produto que comunica, passa uma mensagem na sua preocupação estética, é um produto que tem maior preocupação em ter um desenho coerente com um tema e uma proposta, é um produto com maior valor agregado O castiçal Anoã mostra uma maneira de trabalhar com a idéia de contraste entre o geométrico e o orgânico e a utilização de cores fortes. Podemos traçar uma série de paralelos entre Anoã e o Art Déco, como a busca do equilíbrio, seja pela simetria ou pela compensação de pesos, também pelo contraste entre as formas geométricas.



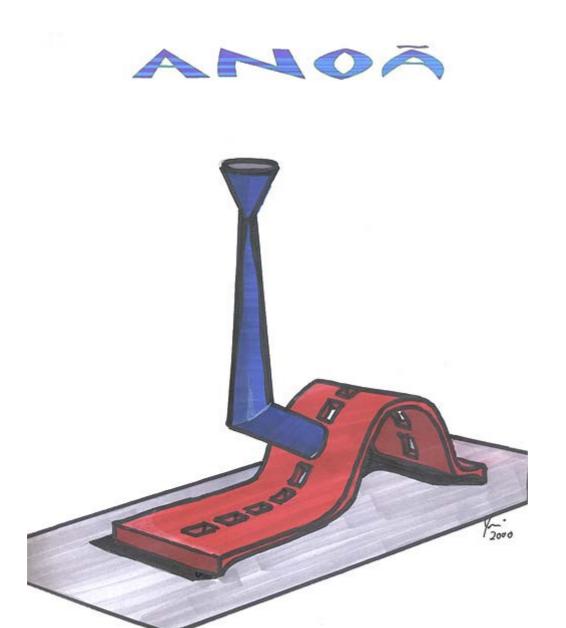
Vemos na luminária Art Déco um exemplo da compensação de pesos para obter equilíbrio, como o castiçal Anoã 2 desenvolvido na parte III, enquanto no castiçal Art Déco temos o equilíbrio alcançado pela perfeita simetria, como acontece em boa parte da arte Kadiwéu. Anoã tem duas partes, a base e a aste, as duas são assimétricas e desequilibradas, mas unidas se compensam e se equilibram. A base traz o conceito de linhas curvas, que são quebradas pelas linhas retas da aste, que apesar do perfil angular tem cessão circular, pois o circulo é uma figura básica na arte Kadiwéu, assim como as espirais.

O castiçal Anoã seria construído em metal, aço ou latão, sua base seria estampada em duas etapas, a primeira para realizar os furos e a segunda para fazer a curvatura. Já a aste seria fundida e teria um aspecto bastante liso. A escolha do metal se deve á necessidade de qualidade e durabilidade, conceitos explorados nesse trabalho e extraídos da cultura Kadiwéu, do conceito de valorizar o produto.

Temos aqui alguns conceitos do estilo Kadiwéu aplicados a um produto, que se desenvolveu á partir desta arte, trazendo ainda um pouco da sua aparência, mas é na verdade um produto que não nos remete diretamente aos Kadiwéu.

Vemos aqui a simetria da vista lateral, em contraste com a assimetria da vista frontal, vemos também o contraste entre linhas curvas e retas, as cores de inspiração Kadiwéu e o equilíbrio da forma final, apesar da assimetria.

Anoã é a valorização do castiçal, pois além do aspecto funcional temos a arte aplicada ao seu conceito.



Castiçal Anoã 2

• Desenvolvimento da fig. 8

Escolhi esta figura por achar que apresenta a maioria dos aspéctos da arte Kadiwéu, sendo um perfeito exemplo do nível médio e mais comum alcançado por seus artistas, pode ser considerada a obra mais tradicional apresentada nesse trabalho. O ponto visual mais marcante dessa figura é a forma diagonal que se assemelha a um Z invertido, e é cercada por espirais. O ´´Z invertido`` parece estável, mas as espirais sugerem movimento constante, temos então um contraste entre movimento e estabilidade, que dá a dinâmica e a força da figura. A figura não é fechada, possibilitando a criação de composições. A simetria diagonal invertida garante um grande numero de possibilidades.



O primeiro passo foi fazer uma releitura da figura, impondo maior regularidade nas formas e na simetria, essa regularização, além de ser uma necessidade nossa para entender bem a composição, tem como objetivo tornar fácil a repetição da figura em uma composição. Nesse desenho o movimento das espirais continua e parece até mesmo acentuado, enquanto a forma de "Z invertido" que divide o desenho ganhou mais força, sugerindo movimento diagonal. Primeiramente a imagem é apresentada em preto e branco para ficar ainda próxima da imagem original.

O segundo passo foi colorir a figura, primeiro com as cores próximas as utilizadas originalmente pelos Kadiwéu, para visualizar a relação entre forma e cores. Temos agora um desenho mais dinâmico, com mais profundidade.

Ao utilizarmos cores mais claras já estamos nos distanciando um pouco mais da arte original dos Kadiwéu. Estamos aqui estendendo o espectro de cores utilizado, com dois objetivos, nos distanciarmos um pouco da arte Kadiwéu, para não ficarmos muito presos a ela e também aumentarmos as possibilidades de utilização das cores em diferentes produtos, para não ficarmos muito limitados e atender as possiveis solicitações do mercado.

E ao utilizarmos cores ainda mais distantes das utilizadas Temos agora um espectro de cores derivado do original, mas que nos permite ter muito mais liberdade para dar outros tratamentos as figuras.

Criação de um produto á partir da análise.

O objetivo aqui foi criar um castiçal, que chamaremos de Anoã 2, extraído da fig. 8, então foram feitos estudos para encontrar as formas básicas do castiçal que se encaixavam dentro da temática da figura.

Depois dos estudos chegou – se ao formato básico do castiçal Anoã 2, que ressalta principalmente o "Z invertido" e as espirais, fazendo uso de poucas cores por se tratar de um objeto simples. Outra característica Kadiwéu encontrada aqui, e usada como base para o desenvolvimento deste desenho, é o equilíbrio encontrado na forma final, apesar de assimétrica e irregular, com uso de contrapesos.



Relógio Hádi

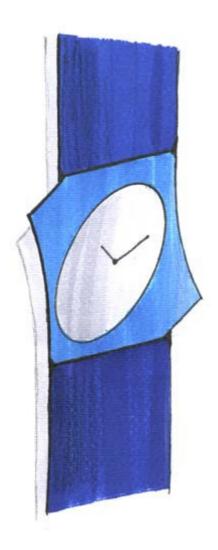
Hádi será desenvolvido á partir da figura 19 da parte III deste trabalho, já desenvolvida e com conceitos explorados.



Principais aspéctos da fig. 19 aplicados ao produto:

- Dualidade entre linha reta e linha curva
- Dualidade entre ângulos e curvas Dualidade entre degraus e espirais
- Dualidade entre peso e leveza
- Dualidade entre movimento e estabilização
- Harmonia
- Linhas suaves bem definidas

Desenho final:



Lixeira Xaraye

Esta lixeira traz novamente o conceito de curvas e retas de lados opostos, uma forte assimetria. Isso é usado para dar destaque para o produto, dar maior valor á sua forma. A lixeira Xaraye usa a arte Kadiwéu para chegar á um produto equilibrado e valorizado, mas não procura se assemelhar a ela.



Na lixeira Xaraye foram explorados os seguintes aspéctos da arte Kadiwéu:

- A valorização do produto, para além de sua função, através da introdução de uma função complementar. Esta função é a informativa.
- Usamos esta valorização da lixeira para mudar em parte sua imagem de produto de importância secundária, e de produto que deve ficar sempre nos cantos, para não aparecer muito.
- Foram usados os conceitos de simetria diagonal e contraste entre curva e reta para dar forma á lixeira.